

informativo **CENPATEC**

Central Paulista de Excelência em Tecnologia, Pesquisa e Inovação

Av. Papa Pio XII, 291 – Macedo – CEP: 07113-000 – Guarulhos - SP Edição nº **52**
E-mail: cenpatec@cenpatec.org.br – Fone: (11) 2183-8569 14 de novembro de 2007

LEIA NESTA EDIÇÃO:

- 1 – FLUIDO DE CORTE BIODEGRADÁVEL É FABRICADO A PARTIR DA MAMONA**
- 2– BNDES ASSUMIRÁ INOVAÇÃO, DIZ MINISTRO DA C&T**
- 3– ÔNIBUS MOVIDO A ETANOL COMEÇA A SER TESTADO EM SÃO PAULO**
- 4 – R\$ 22 MILHÕES PARA PESQUISA EM BIOCOMBUSTÍVEIS**
- 5 – GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS TERÁ INVESTIMENTO DE R\$ 4 MILHÕES**
- 6 – ESTÍMULO AO MERCADO DE CARBONO**
- 7 – MANDIOCA É ALTERNATIVA PARA PRODUÇÃO DE ETANOL E HIDROGÊNIO**
- 8 – FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO É REGULAMENTADO**
- 9 – MATERIAL MAGNÉTICO MOLDÁVEL SIMPLIFICA FABRICAÇÃO DE MOTORES ELÉTRICOS**

PARA PENSAR: QUANDO BATE O DESESPERO...

1 – FLUIDO DE CORTE BIODEGRADÁVEL É FABRICADO A PARTIR DA MAMONA

A USP está licenciando a patente para um fluido de corte – utilizado na indústria para refrigeração e lubrificação de ferramentas de corte – produzido a partir da mamona. A fórmula, já patenteada, não provoca danos à pele dos operadores de máquinas, além de não apresentar dificuldades de descarte, como acontece com os fluidos que usam aditivos organoclorados.

Os fluidos de corte são essenciais na produção de peças metálicas para bens de consumo, mas provocam danos à saúde dos operadores de máquinas e são de difícil descarte. Para resolver estes problemas, um grupo de pesquisa da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) da USP criou e patenteou um fluido biodegradável à base de óleo de mamona, que não usa as substâncias dos líquidos de corte à base de petróleo.

“Os fluidos servem para refrigerar serras, broca, ferramentas em tornos e em máquinas abrasivas, aumentando sua vida útil e garantindo a qualidade das peças produzidas”, conta o professor da EESC, João Fernando Gomes de Oliveira, que coordenou a pesquisa. “Entretanto, além do óleo integral de petróleo são usados aditivos organoclorados e até enxofre, causando dermatite nos operadores de máquinas e dificultando o descarte”.

Os pesquisadores testaram várias formulações do líquido de corte, modificando a concentração de água. “Os melhores resultados foram obtidos com 50% de óleo de mamona e 50% de

água”, conta o professor. “Essa mistura leva a uma redução maior de calor, melhorando o desempenho das máquinas.” A mistura mais usada em indústrias utiliza 5% de óleo integral de petróleo, além de aditivos.

O fluido com óleo de mamona apresenta a vantagem de ser produzido a partir de uma fonte renovável. “São acrescentados apenas um detergente, que faz a ligação entre óleo e água, um anti-corrosivo e um bactericida. Os melhores resultados foram obtidos com 50% de óleo de mamona e 50% de água”.

O líquido, de cor castor – ou parda; o fluido com óleo mineral é branco – não provoca irritação nos operadores de máquinas. “O bactericida é necessário para evitar a proliferação de microorganismos que alteram as propriedades do fluido”.

“Por ser altamente biodegradável, o líquido pode se degradar mais rapidamente se a concentração de bactericida não for adequada”, explica Oliveira. “Mesmo que o controle precise ser mais constante, ele é mais simples, pois consiste na medição do pH (acidez) do fluido”.

Fonte: <http://www.inovacaotecnologica.com.br>

2 - BNDES ASSUMIRÁ INOVAÇÃO, DIZ MINISTRO DA C&T

O governo federal assumirá o risco da inovação tecnológica por meio de um fundo de capital gerenciado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

De acordo com o ministro da C&T, Sérgio Rezende, o banco irá direcionar cerca de R\$ 2,7 bilhões, até 2010, para incentivar fundos de capital de risco e comprar participações acionárias em empresas de base tecnológica.

“Quando a empresa se valoriza, eles vendem a participação, e o fundo ganha com isso”, afirmou Rezende (PSB).

A medida é um dos pontos do Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação, o “PAC da Ciência”.

O plano prevê investimento de R\$ 41 bilhões em ciência e tecnologia até 2010. Desse valor, 26%, ou aproximadamente R\$ 10 bilhões, devem vir do Fundo Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) – embora o fundo, criado pelo governo Costa e Silva em 1969, tenha hoje cerca de R\$ 5 bilhões contingenciados (retidos).

O ministro voltou a prometer que o contingenciamento (usado para engordar o superávit primário) será reduzido gradualmente até zerar em 2010. Indagado por que só daqui a três anos, disse que então o país terá melhorado a relação entre o PIB e a dívida pública.

A “Folha de SP” apurou que outros recursos do “PAC da Ciência” devem vir do Ministério de Minas e Energia e Petrobras (R\$ 6 bilhões) e Capes/MEC, que entraria com cerca de R\$ 3 bilhões.

Rezende anunciou que o governo irá estudar mudanças na legislação sobre licitações para permitir que os produtos nacionais com inovação tecnológica tenham prioridade nas compras do poder público, mesmo que custem mais do que equivalentes importados.

A idéia é que, com garantia de compra pelo Estado, aumente o interesse das empresas em investir em inovação.

A medida valerá também para a área de saúde – já foi anunciada pelo ministro José Gomes Temporão como um dos pontos do “PAC” da sua pasta. No entanto, nenhum membro do governo havia admitido até então que o Estado pudesse pagar um preço mais caro.

“Mesmo que custe mais no começo, é importante para viabilizar as empresas brasileiras. Todos os países industrializados fazem isso”, disse Rezende.

“Os EUA têm uma lei que chama “Buy American ACT” [de 1933, que dá prioridade aos produtos norte-americanos nas compras governamentais]. Aqui, é a lei da licitação e ganha quem tiver menor preço, independente de ser nacional.”

O Plano de Ação de Ciência, Tecnologia e Inovação prevê ainda que investimentos de cerca de R\$ 15,3 bilhões em “pesquisa e desenvolvimento em áreas estratégicas”, são 13, incluindo biotecnologia, Amazônia, mudanças climáticas, programa nuclear e outras.

Haverá também a verba de R\$ 1,4 bilhão para ações de “inclusão social”, como telecentros (centros de computadores para uso público). Muitas das atividades, segundo o ministro, serão tocadas por organizações não-governamentais.

Ele disse não temer desvio de recursos e defendeu o convênio com entidades, argumentando que elas dão aos projetos “capilaridade” e são tocadas por gente “séria” e “idealista”.

Rezende definiu o “PAC” do seu setor como inédito.

“Embora essa frase seja batida, é a primeira vez que se faz um plano de ações, com recursos, para quatro anos, um plano do governo como um todo”, disse Rezende, remetendo à frase “nunca antes neste país” que o próprio presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse considerar “repetitiva”, embora “verdade”.

Fonte: <http://www.jornaldaciencia.org.br>

3 – ÔNIBUS MOVIDO A ETANOL COMEÇA A SER TESTADO EM SÃO PAULO

Um novo modelo de ônibus, movido a etanol e menos poluente, começou a ser testado pelo Centro Nacional de Referência em Biomassa (Cenbio), sediado na USP. O prefeito de São Paulo anunciou o interesse da Prefeitura em testar dez veículos a álcool no sistema de ônibus da cidade, inicialmente na Zona Leste.

A apresentação do veículo aconteceu na manhã do dia 23/10, às 10h30, durante o lançamento do programa Etanol para o Transporte Sustentável (Best), na Escola Politécnica (Poli) da USP.

O projeto, que foi apresentado pelo professor José Roberto Moreira, do Instituto de Eletrotécnica e Energia (IEE) da USP e coordenador do BEST, é resultado da parceria do Cenbio com empresas do setor de transporte e combustíveis. O ônibus possui chassi e motor importados da Suécia, país que já adota o etanol no sistema de transporte público, e recebeu carroceria no Brasil.

“Em relação ao diesel, há redução de 90% das emissões de material particulado e 62% de óxidos de nitrogênio, além de não emitir enxofre e de diminuir em 80% os gases que provocam o [efeito estufa]”, explicou Moreira. O veículo possui 270 HP de potência, capacidade para 63 passageiros (31 sentados), ar-condicionado e piso rebaixado para o acesso de deficientes.

“A composição do combustível é de 95% de álcool hidratado e 5% de aditivo, necessário para realizar a ignição por compressão no veículo”, ressaltou o professor.

“O motor foi adaptado para receber o etanol e possui maior compressão. O preço do ônibus é de cerca de R\$ 450 mil, semelhante aos modelos à diesel”, antecipou Moreira.

O ônibus percorreu as avenidas da Cidade Universitária (Zona Oeste de São Paulo) durante meia hora, em duas viagens experimentais.

A partir de dezembro, o ônibus a etanol será testado nos 33 quilômetros do corredor de ônibus da Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos (EMTU), que liga os municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e Diadema, na Grande São Paulo. “Durante um ano, o consumo e a manutenção serão comparados com um modelo equivalente movido à diesel”, disse Márcio Schettino, gerente de Desenvolvimento da EMTU. “No momento, estima-se que o custo operacional seja 7% maior que os veículos convencionais, mas ele poderá ser reduzido com os testes e por meio de incentivos fiscais”.

O custo total do projeto é de R\$ 1,6 milhões e participam Scania (motor e chassi), Marcopolo (carroceria), BAFF e SEKAB (importação do aditivo) e Petrobras (distribuição do combustível). A União da Indústria Canavieira de São Paulo (Única) fornecerá o etanol para os testes, enquanto o primeiro lote de combustível aditivado será importado da Suécia pela Copersucar. Participam também a EMTU e a SPTrans, empresa que gerencia o sistema de ônibus da cidade de São Paulo.

O vice-reitor da USP, Franco Maria Lajolo, que representou a reitoria Suely Vilela, afirmou que o projeto é uma oportunidade de aproximação entre a Universidade e a indústria na área tecnológica. “A questão ambiental hoje depende não só de pesquisas, mas de decisões políticas e ações concretas”, afirmou. Também compareceram os diretores do IEE, José Aquiles Baesso Grimoni, e da Poli, Ivan Gilberto Sandoval Falleiros.

Fonte: <http://www.jornaldaciencia.org.br>

4 – R\$ 22 MILHÕES PARA PESQUISA EM BIOCOMBUSTÍVEIS

Por meio de duas seleções públicas de propostas, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pretende investir na formação e fixação de recursos humanos e no estímulo a pesquisas voltadas para a produção de etanol e biodiesel.

Serão investidos, ao todo, R\$ 22 milhões provenientes dos Fundos Setoriais de Petróleo e Gás Natural (CT-Petro), de Agronegócio (CT-Agro) e de Biotecnologia (CT-Biotecnologia).

Segundo o CNPq, o primeiro edital é voltado a atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação na cadeia produtiva dos biocombustíveis, que serão realizadas por meio de cursos sequenciais ou de extensão tecnológica e de projetos voltados ao desenvolvimento de produtos ou processos inovadores.

Profissionais vinculados a empresas ou cooperativas que atuam no setor podem submeter propostas até 23 de novembro. O CNPq investirá R\$ 5 milhões entre 2007 e 2009, sendo que pelo menos 70% desse valor será destinado a projetos de instituições sediadas nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste.

O segundo edital, criado com o objetivo de estimular atividades científicas e tecnológicas para a produção de etanol e biodiesel, conta com R\$ 17 milhões a serem liberados até 2010, sendo 30% destinados às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

As propostas devem abordar aspectos ambientais, econômicos e sociais e enquadrar-se em um dos dois eixos temáticos propostos por esse edital: Avanços científicos, tecnológicos de vanguarda e tecnologias com inovações radicais para a produção de etanol; e Avanços científicos e tecnológicos para a cadeia de produção de matéria-prima e industrialização do biodiesel.

As propostas devem ser submetidas até 25 de novembro por instituições e grupos de pesquisa com experiência consolidada na área de bioenergia ou em temas correlatos ainda não plenamente incorporados aos processos de geração de bioenergia.

Os resultados dos dois editais serão divulgados na primeira quinzena de dezembro.

Fonte: <http://www.agencia.fapesp.br>

5 – GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS TERÁ INVESTIMENTO DE R\$ 4 MILHÕES

A Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) recebeu até o dia 13 de novembro, propostas para chamada na área de gestão de recursos hídricos, que dispõe de um total de R\$ 4 milhões para apoiar os projetos selecionados.

Segundo a Finep, a chamada tem como motivo contribuir para um melhor planejamento da administração das águas brasileiras, tanto em termos técnicos como ambientais, sociais e econômicos. Um dos objetivos é promover a atuação integrada de instituições para a formação de redes de pesquisa em torno de áreas temáticas prioritárias.

As propostas candidatas à chamada pública foram enviadas até 13 de novembro e devem ter valor mínimo de R\$ 500 mil. Os resultados serão divulgados a partir de 5 de dezembro.

Fonte: <http://www.inovacaotecnologica.com.br>

6 – ESTÍMULO AO MERCADO DE CARBONO

Um convênio firmado entre a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e o governo japonês destinará US\$ 1 milhão para o desenvolvimento do mercado de carbono no Brasil. O acordo, intermediado pelo Banco Mundial, conta ainda com a participação da Bolsa de Mercadorias e Futuro (BM&F), instituição na qual serão negociados os créditos de carbono.

Segundo a Finep, os recursos financiarão uma série de estudos sobre a estruturação e implementação do mercado, iniciativa que está inserida nas metas aprovadas pelo Protocolo de Kyoto, acordo internacional implementado em fevereiro de 2005 para combater a emissão de gases poluentes na atmosfera.

O principal objetivo do protocolo, ratificado por 144 nações, é reduzir a emissão de poluentes em 5,2% nos países desenvolvidos, tendo como base os níveis verificados em 1990, ano em que as negociações se iniciaram.

O Comércio de Emissões tem engrenagem similar à da bolsa de valores. O diferencial é que, no lugar de ações, os papéis negociados são Reduções Certificadas de Emissões (RCEs), medidas em tonelada métrica de dióxido de carbono.

Esses créditos de carbono são cedidos pelas agências de proteção ambiental reguladoras aos países que comprovadamente reduziram a emissão de poluentes, por meio de programas de reflorestamento, de desenvolvimento de energias alternativas e de outras iniciativas. As RCEs adquiridas são vendidas para as nações interessadas em emitir dióxido de carbono, mas que ultrapassaram a cota estabelecida.

Cada crédito equivale a 1 tonelada do gás e tem valor de mercado entre C12 e C18, preço que varia de acordo com a cotação internacional. Segundo estimativas do Banco Mundial, o Brasil tem potencial para conquistar cerca de 10% no mercado mundial de carbono, que deve chegar a US\$ 1,3 bilhão em 2007.

Desde dezembro de 2006, a Finep conta com o Programa de Apoio a Projetos do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (Pró-MDL). O objetivo é, até 2009, aplicar cerca de R\$ 80 milhões em projetos que proporcionem a redução do efeito estufa e conseqüentemente, do aquecimento global.

Fonte: <http://www.agencia.fapesp.br>

7 – MANDIOCA É ALTERNATIVA PARA PRODUÇÃO DE ETANOL E HIDROGÊNIO

A mandioca está longe de poder competir com a cana-de-açúcar como matéria-prima para a produção de etanol. Mas uma nova variedade produzida pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) surge com potencial para servir como uma matriz complementar, principalmente nas áreas de cerrado.

“No processo convencional para fabricação do álcool a partir da mandioca é preciso hidrolisar o amido que está no tubérculo. É assim que se produz o açúcar, que é fermentado para fabricação do álcool. O problema é que a hidrólise é um processo dispendioso tanto em termos financeiros como energéticos”, explica Luiz Castelo Carvalho, que apresentou a inovação em Brasília.

A variedade criada pela Embrapa dispensa o processo de hidrólise. “Em vez de amido, ela tem açúcar na raiz. E esse açúcar é a glicose, que é o substrato do processo de fermentação”, explicou.

De acordo com o pesquisador, a nova variedade reduz o custo energético em mais de 25%. “Já temos três plantas industriais experimentais de álcool de mandioca em São Paulo, em Botucatu, Tarumã e Flavel”, disse.

Segundo Carvalho, a intenção não é rivalizar com o etanol de cana-de-açúcar, mas ocupar nichos complementares de mercado. “Não queremos competir com a cana.

Acho que ela vai muito bem, tem boa tecnologia e é muito eficiente em vários segmentos da cadeia de produção. Só queremos atingir nichos onde a cana não será opção. Ela, sozinha, não dará conta da demanda, principalmente se quisermos exportar”, afirmou.

Segundo ele, as limitações científicas foram resolvidas e, no momento, o problema é de ordem tecnológica. “Na parte científica, identificamos o fenótipo que substituí o amido pelo açúcar, identificamos o gene, já temos a variedade e agora estamos transferindo a característica para a variedade comercial voltada para o Cerrado”, disse.

De acordo com Carvalho, o objetivo é que o álcool de mandioca seja uma opção para a região Centro-Oeste. “A cana está vindo de São Paulo para o Centro-Oeste.

Não queremos mexer com a cana paulista, que está dando conta do recado, mas, para vir para o Centro-Oeste, será preciso desenvolver novas variedades e isso vai demorar pelo menos uma década, enquanto o etanol de mandioca poderá estar no mercado em 2010”, destacou.

Além da produção de etanol, a Embrapa está desenvolvendo mais dois projetos com mandioca, segundo Carvalho. “Estamos pesquisando a produção de hidrogênio e bio-hidrogênio por meio do açúcar da mandioca. O objetivo é produzir células de hidrogênio. Outro projeto, em fase de escalonamento industrial, trata de desenvolver biopolímeros que sejam úteis no processo de metalurgia, para purificação do ferro”, contou.

Segundo o cientista, a identificação do fenótipo de açúcar foi feita em 2000. O uso do açúcar de mandioca para a metalurgia foi testado em 2004, e o processo para fabricação de etanol, dois anos depois.

O processo de produção de etanol a partir dos carboidratos da mandioca foi iniciado na década de 1970, com o programa Pró-Álcool, segundo Carvalho. Mas os experimentos foram gradativamente abandonados diante do sucesso do álcool de cana-de-açúcar.

“Existe muito espaço para ser conquistado em termos de produtividade agrônômica. Não se pode ainda comparar com a produtividade da cana, mas o desenvolvimento tecnológico deverá seguir o mesmo caminho”, disse.

Fonte: <http://www.inovacaotecnologica.com.br>

8 – FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO É REGULAMENTADO

O Plenário do Senado Federal aprovou sem emendas, após três meses de tramitação no Congresso Nacional, o projeto de lei que regulamenta o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). Proposta pelo Poder Executivo, a matéria (PLC 80/2007) tramitava em regime de urgência constitucional e segue agora para sanção presidencial.

O projeto de lei estabelece que o FNDCT será administrado por um conselho diretor, que contará com representantes de diversos ministérios, da comunidade científica e tecnológica, do setor empresarial, da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Uma emenda aprovada na Câmara dos Deputados também inclui, na composição da instância, representantes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Entre outras atribuições, os representantes poderão submeter ao Conselho Diretor do FNDCT, por meio do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), propostas de planos de investimentos dos recursos do fundo e propor ao conselho políticas, diretrizes e normas, previstas na lei, para a utilização dos recursos, além de realizar, direta ou indiretamente, estudos e pesquisas recomendados pelo MCT e pelo conselho diretor.

Criado em 1969 com o objetivo de financiar a inovação e o desenvolvimento científico e tecnológico, o FNDCT teve papel fundamental na montagem da infra-estrutura de pesquisa do país e readquiriu importância crucial para o fomento do sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação a partir de 2000, com a criação dos fundos setoriais.

“Acho que a área de ciência e tecnologia tem se articulado muito bem no Congresso, tanto na Câmara como no Senado, e tem feito um debate suprapartidário”, destacou o presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados, Júlio Semeghini, em entrevista ao boletim Gestão C&T.

Segundo Semeghini, um acordo entre a oposição e a base governista do Congresso viabilizou a rápida tramitação da proposta. “Houve mais do que um acordo. Houve um compromisso da oposição”, afirmou.

O objetivo do acordo foi viabilizar a gestão dos fundos setoriais o mais breve possível, uma vez que só para 2008 estão previstos recursos de mais de R\$ 2 bilhões do FNDCT para a ciência, tecnologia e inovação.

Fonte: <http://www.inovacaotecnologica.com.br>

9 – MATERIAL MAGNÉTICO MOLDÁVEL SIMPLIFICA FABRICAÇÃO DE MOTORES ELÉTRICOS

“Os motores elétricos vêm sendo feitos praticamente do mesmo jeito desde os anos 1850. Somente nos últimos 10 a 15 anos métodos alternativos de produção vêm sendo estudados,” afirma Mats Alkula, pesquisador da Universidade de Lund, na Suécia. Alkula e seus colegas acabam de desenvolver um novo material magnético que promete mudar esse quadro.

Calcula-se que em uma residência típica existam cerca de 60 motores elétricos.

Um automóvel moderno, por sua vez, possui mais de 100. A construção da maioria deles utiliza como elemento magnético uma série de placas metálicas montadas umas sobre as outras, com bobinas de fios de cobre enroladas ao seu redor.

A montagem dessa estrutura é tecnicamente simples, mas trabalhosa – o processo de fabricação de um motor elétrico desses possui cerca de 60 etapas.

O que os engenheiros desenvolveram agora foi um novo tipo de material magnético que pode ser moldado em qualquer formato, eliminando a necessidade da montagem das placas e enrolamento dos fios, reduzindo o processo de fabricação de um motor para poucas etapas.

O material magnético é uma mistura de uma liga de ferro em pó com um polímero – cuja composição não foi divulgada pelos cientistas – que demonstrou um excelente rendimento energético. Mantendo as dimensões dos motores, a substituição das tradicionais bobinas

enroladas sobre chapas metálicas pelo novo material mais do que dobrou o rendimento do motor.

“A técnica não é adequada para motores de alto desempenho, como servo-motores. Mas para ventiladores, bombas, aplicações domésticas e automóveis ela é uma solução perfeita,” diz Alkula.

Fonte: <http://www.inovacaotecnologica.com.br>

PARA PENSAR: QUANDO BATE O DESESPERO...

O Professor Luiz Marins, é Antropólogo e foi eleito o “Palestrante do Ano de 2006 – 9º Top of Mind”. No artigo a seguir, ele revela lições de como enfrentar as crises em momento de desesperança:

“Muitas Vezes na vida, tanto profissional quanto pessoal, sentimos a desesperança bater à nossa porta. Parece que não temos mais saída.

Clientes que não pagam. Fornecedores que não cumprem prazos. Funcionários que faltam e se dizem desmotivados. Problemas na produção. A enorme carga tributária. Juros estratosféricos.

Nosso salário não aumenta, as contas acumulam, a família reclama, etc. Perdemos a motivação para continuar lutando. Ficamos descrentes. Perdemos a coragem que nos trouxe até aqui. Temos a impressão de que o mundo se voltou contra nós e que erramos em tudo o que fizemos – das decisões empresariais às escolhas pessoais. Temos vontade de “jogar a toalha” e desistir.

Nesses momentos, é preciso ter muita calma, sabedoria e paciência para não destruir com nossa justa desesperança tudo o que construímos. É hora de enfrentar a realidade. E enfrentar significa olhar de frente, com grande senso de realidade.

Nas crises – e é importante que saibamos que todos nós enfrentamos e enfrentaremos essas situações – o mais importante é a calma, a análise fria, a busca por lições e oportunidades que ainda possam existir. Para enfrentá-las, é preciso saber que temos de mudar nossa forma de pensar e de agir, muitas vezes fazendo opções nem sempre fáceis. Pensar visando o longo prazo – e não no impulso do desespero – poderá nos trazer de volta ao equilíbrio. As conseqüências de uma decisão apressada podem ser muito danosas. Vejo decisões empresariais tomadas no desespero de uma crise e que destruíram anos de sucesso.

Assim, quando bater o desespero, tenha calma. Enfrente com razão e fé as crises pelas quais você possa estar passando. Lembre-se de que elas com certeza passarão se você souber enfrentá-las buscando a ajuda certa, de pessoas certas, e tiver muita humildade e fé.

Pense nisso. Sucesso”.

Fonte: [TAM Magazine, nº 45 – Nov/2007](#)

ATÉ A PRÓXIMA SEMANA